

Diálogos com a natureza

Roque Gilberto Annes Tomasini

projetopassofundo.com.br

Roque Gilberto Annes Tomasini

Diálogos com a natureza

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2016

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado pelo autor em: 05/10/2016

T655d Tomasini, Roque Gilberto Annes

Diálogos com a natureza [recurso eletrônico / Roque
Gilberto Annes Tomasini. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo,
2016..

289 Kb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-242-8

Modo de acesso: World Wide Web: <[http://
www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)>.

1. Meio ambiente – Descrições de viagens. 2.
Narrativa de viagens. 3. Homem – Influência da natureza. I.
Título.

CDU: 869.0(81)-992

SUMÁRIO

ACORDEI.	7
CHEGUEI AO REFÚGIO ECOLÓGICO COLÔNIA PARAÍSO	12
O MERGULHO NA MATA.	15
A CASA DOS “OUTROS”	17
ESTOU CAMINHANDO SOBRE SERES VIVOS	18
DIÁLOGO COM UM PASSARINHO	19
O LIVRO ABERTO DA NATUREZA	21
A FAUNA LOCAL	22
A CACHOEIRA TERAPÊUTICA	25
ESTRAGAR O SAPATO OU RESPEITAR A NATUREZA?	29
HORA DE RETORNAR	31
FIM DO DIÁLOGO COM A NATUREZA	32
O AUTOR:	33

Acordei.

Dia lindo. Sol, calor, noite bem dormida.



Estou cheio de energia, de bem comigo mesmo, de bem com o mundo.

De repente, penso. O que faço com toda esta energia positiva? Correr na rua, academia? TV nem pensar.

Porque não curtir a natureza numa região de mata nativa, com água abundante, vida animal, silêncio da civilização?

Já sei, vou para Vila Maria, perto de Passo Fundo, no Refúgio Ecológico Colônia Paraíso. Já estive lá há dois anos, simplesmente passando tempo com amigos. Agora vou fazer um relato contando a ida e as experiências como se fosse a primeira vez que tenha ido lá.

Embarco no carro e pego a estrada Passo Fundo - Vila Maria.



Vou visitar uma área de Mata Atlântica.

Saio do asfalto e percorro 17 km de estrada de terra, numa região de pequenas propriedades rurais. Só este percurso já teria valido a pena sair de casa. Lindas paisagens de morros, animais no pasto, gado de leite, galinhas caipiras (inclusive as de pescoço pelado e algum galo com penas multicoloridas) no meio da estrada, soja e milho. Cenas típicas de propriedades familiares: casa, galpões, galpão de ordenha, horta anexa a casa, parreirais, açudes, patos, galinhas. Algumas têm aviários industriais com 10-15.000 aves ou criações de suínos para os frigoríficos.



Ainda podem ser vistas algumas casas antigas de madeira, mas a maioria é de alvenaria, demonstrando o progresso da pequena propriedade familiar.



As antigas carroças puxadas a bois, assim como os arados a tração animal, conhecidos como “pula toco” e as trilhadeiras estacionárias, ficaram no passado, alguns guardados embaixo de algum galpão ou simplesmente colocados num canto expostos ao tempo.



A mecanização tomou conta, seja pela escassez de mão de obra, seja pela saída dos jovens para uma vida com mais futuro no meio urbano e pela chegada da energia elétrica.

A religiosidade, herança da cultura dos imigrantes italianos, é expressa nas pequenas capelas e seus salões de festas.



Se der sorte, poderá estar ocorrendo em um final de semana alguma festa local. Sugestão: pare e veja se pode participar do almoço. Tenha a certeza de que será bem recebido pela comunidade local.

Cheguei ao Refúgio Ecológico Colônia Paraíso

Chegando ao local (o proprietário não reside nela, pois é uma área de preservação ambiental) que escolhi para passar o domingo ensolarado, primeiro desafio: sair da estrada e atravessar um pequeno córrego de 4 m de largura e 30cm de profundidade.

Estaciono o carro e, primeira decisão: vou de carro, pensando na aventura de entrar de carro no pequeno córrego ou atravessá-lo a pé, com os pés descalços ou com os tênis que trouxe especialmente para caminhar na água? Como as construções estão a uns 450 metros opto pela ida caminhando pela estrada estreita, desfrutando cada metro da paisagem. A esquerda uma lavoura de milho e a direita a água límpida correndo entre as pedras. Não esqueça a máquina fotográfica ou seu celular.



Surpresa! Após 200 m, surge um portão, entrada da propriedade e tenho que atravessar novamente a água. Abro e passo novamente pelo córrego, agora já totalmente na área de mata. Ando mais uns 100 m e, novamente, atravesso o mesmo córrego. Ando mais 150 m e chego numa pequena clareira com as construções

originalmente feitas para receber visitantes em operações de turismo rural.



O complexo é constituído por uma casa, quiosque, alojamento, capela e torre de rapel. Detalhe: as calçadas e um dos banheiros são adaptados para cadeirantes.



Todas as construções refletem a arquitetura da época dos antigos moradores. Foram feitas com esquadrias de casa antiga (mais de 70 anos) e tábuas de velhas leitarias e instalações de criações de suínos.

Itens de modernidade são somente os banheiros e a energia elétrica. A água é de vertentes do morro. É como voltar 50 anos no tempo. Só esta caminhada por cerca de 450 m já é um belo passeio.

O melhor ainda está por vir.

O mergulho na mata.

Mas, vamos começar nosso diálogo com a natureza.

Saímos por uma trilha em direção a uma cachoeira distante 400 m.

Meus sentidos não estão acostumados com este ambiente, de imagens, sons, cheiros. Não sei onde concentrar meu olhar.

De repente, meu braço está sangrando. Não vi um pé de amora preta, nativa do mato, cujos ramos são cheios de espinhos.



Bem, assim começou meu diálogo com a natureza. Se tiver sorte, o mesmo ramo que me encheu de espinhos pode me presentear com lindas e deliciosas amoras pretas. Mais ecológica e orgânica impossível.

Continuo caminhando e agora com um galho me preparo para abrir caminho onde houver vegetação com espinhos.

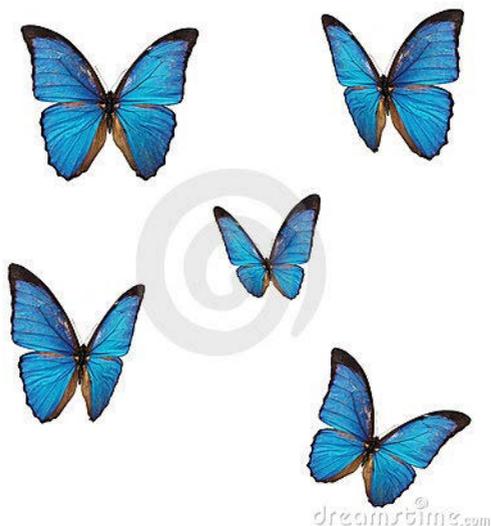
Se você levou uma mochila, aproveite para pegar algumas limas na beira do rio, que ali nasceram por alguma semente trazida pelo rio ou jogada por algum dos antigos moradores do local, há 40 anos. Pelo que me contaram ali morou uma família com 8 filhos. Praticamente isolada no meio da mata.

A casa dos “outros”

Não posso me esquecer que estou entrando na casa dos “outros”. Que outros? Ora, dos moradores da floresta, como as cobras, escorpiões, mandarovás, aranhas, mamangavas, marimbondos, abelhas, ... Das árvores, da vegetação com espinhos, dos peixes do rio,...

A trilha é estreita, mas cheia de vida. Curiosidade: esta trilha foi feita por vacas de um vizinho que iam a procura de pasto.

De repente, surgem do nada várias borboletas azul, enormes. Devem estar namorando...Que espetáculo! Encosto-me numa árvore e fico admirando a dança da vida.



Estou caminhando sobre seres vivos

Retomando a caminhada, reparo que caminho sobre uma grossa camada de folhas. Fico pensando. Porque as folhas caem das árvores, dos arbustos? Será que seu ciclo é semelhante ao dos humanos? Nascer, crescer, trabalhar (fazendo a fotossíntese) e morrer?

Penso.

Estou pisando sobre folhas mortas ou sobre algo mais?

Estou pisando sobre milhões de seres vivos que estão se alimentando das folhas em decomposição. Insetos que posso enxergar e micro insetos invisíveis, fungos, algas, líquens, bactérias. Todos com muita fome, todos tentando sobreviver e dando continuidade ao milagre da vida. Vivendo, crescendo e morrendo. E daí, será que tudo termina assim?

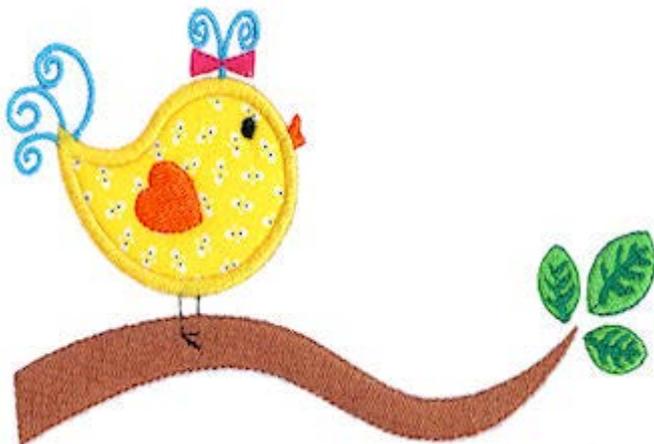
Não. No solo estão milhares de raízes das árvores, arbustos, gramas, todos também com muita fome de comida para crescer e sobreviver.

Agora o ciclo da vida se fecha. A folha caiu, serviu de alimento para milhares de seres na camada superficial do solo, estes morrem, liberam nutrientes para as raízes das árvores, que continuam a crescer, deixam cair suas folhas e o ciclo da vida recomeça.

Diálogo com um passarinho

Continuo caminhando. De repente um pássaro assustado com um “intruso na sua casa”, sai voando. Ouço o som de saracuras e de um bando de tucanos.

Surpresa. Na minha frente um lindo passarinho está me contemplando. Ficamos nos olhando. Fico imaginando o que pode estar passando na cabeça do passarinho. Será que passarinho pensa?



Como ele “ainda continuava-me examinando”, meu primeiro pensamento foi: que passarinho simpático. Não tem medo de mim. Mas afinal, porque teria medo? Será que ele não está me dando as suas boas vindas a “sua casa”. Sua casa? Como assim fiquei pensando.

Ora, fico pensando. Esta terra tem um dono, tem um registro no cartório de imóveis, tem uma escritura. Tem dono legal. Mas, o que

significa “ser dono”. Um pedaço de papel? Para os seres humanos, sim. Para o passarinho e todos os habitantes da floresta, não.

Pergunte a eles o porquê que eles são os verdadeiros donos. Eles lhe diriam. Nós nascemos aqui, vivemos aqui, morreremos aqui. Nossos ancestrais viveram aqui por centenas de anos e os humanos são uma visita na “nossa casa”.

Fiquei pensando: o passarinho está certo. Dei tchau para o passarinho e toda a bicharada que estava me olhando, bem escondida no meio das folhagens.

O livro aberto da natureza

Vamos em frente, ou melhor, primeiro temos que pular sobre um tronco caído, talvez por um vento forte, talvez por velhice ou por ambas as causas.

A árvore caída está morta. Além da camada de musgos, líquens, pequenas plantas, está coberto de cogumelos, neste caso, enormes, de cor amarela. Alguns são marrons, os denominados “orelha de macaco”. Os “habitantes” do velho tronco são um livro aberto para quem sabe ler a mensagem da vida proporcionada por estes organismos. Um bom professor de botânica pode ficar horas dando uma aula para seus alunos, somente identificando e interpretando a vida dos “habitantes” do tronco.



O velho tronco é perfeito para uma “comunidade” de pequenos animais e insetos. Um bom professor de entomologia também poderia “ler” o ambiente e dar uma bela aula.

A fauna local

Bem estamos na trilha, em meio a natureza selvagem.

Surpresa, um lindo lagarto, está me olhando como a perguntar: o que fazes na minha casa e por que perturbas o meu repouso neste gostoso pedacinho de sol? Como continuo a caminhar, o lagarto muito rápido, some na vegetação.



Em área de morro, é comum grandes pedras rolarem ladeira abaixo e pararem as margens do córrego. Embora as cobras prefiram ficar numa área com sol para se aquecer, resisto à tentação de olhar numa dessas pequenas cavernas criadas pelas pedras. Quem sabe lá não poderão estar diversos animais, como cobras. Se for perto da água, é comum encontrar pequenos animais e cobras que vão à procura de uma boa refeição.

De repente, fico pensando: porque existem as perigosas cobras, que podem matar um ser humano com uma simples picada? Embora não saiba a resposta correta, penso que todo ser vivo

existe com um propósito. No caso da cobra, sei que são importantes para caçar ratos, o que para mim já é uma boa explicação.



Agora já posso ouvir o som da água na cachoeira. Distraído não enxergo uma grande teia de aranha e enfio a cara nela. Enorme susto. Ainda bem que a teia parecia estar abandonada.

Fico mais atento, olhando bem para localizar novas teias e também para o chão. E o que vejo? Um enorme carreiro de formigas, milhares, uma atrás da outra, carregando folhas, muitas vezes maiores que elas. Lembro-me das aulas de biologia, onde aprendi que as folhas não são para comer e sim para cultivar fungos, dentro de sua casa subterrânea, que são o verdadeiro alimento das formigas. Fome, todo mundo tem fome, muita fome.



Onde há muitos insetos, raízes suculentas, encontrar tocas de tatu é comum. E não é que ao lado da trilha encontrei um toca recém aberta. Imagino que dentro o “seu” tatu deve estar tirando uma soneca após uma boa refeição.



A cachoeira terapêutica

Finalmente vejo a cachoeira, com 15 m de largura e de dois a 1,5 m de altura, Corre em cima de rochas basálticas, quem sabe por milhares de anos.

Água gelada, límpida. Não resisto e me enfio debaixo de uma das cachoeiras. Após o choque inicial da água fria, sou possuído de uma imensa energia e não tenho a mínima vontade de sair dali. Estou carregando meu corpo e minha mente com uma energia indescritível. Meus músculos, livres que toda tensão, não obedecem ao meu comando mental de sair dali. Parece que meu corpo foi desmontado.



Consigo sair e explorando o local, descubro centenas de libélulas que escolheram aquele local, não sei para uma reunião de grupo ou estavam em pleno processo de acasalamento. É o espetáculo da vida.



Neste local paradisíaco, há um microclima que, por centenas de anos, tem favorecido o crescimento de xaxins, alguns com 40 cm de diâmetro, centenários. Continuando a trilha encontraremos centenas de xaxins.



Antes de continuar a trilha, deitei na grande laje de basalto no alto da cachoeira, num local onde passa sol e fiquei ali deitado, olhando as árvores, os pássaros, borboletas e ouvindo o som da água. Este é um SPA natural, gratuito, sem igual. Melhor ainda, fechei os olhos e tentei identificar os sons do local.

Vamos continuar. Mais uma surpresa. Sem muita pressa, uma enorme aranha caranguejeira está atravessando a trilha. É época de acasalamento e os machos estão à procura de suas parceiras.



Não precisa se assustar: são inofensivas. Não é recomendado, mas se tiver coragem deixe caminhar sobre seu braço.

Começo a reparar que em algumas árvores há “manchas” vermelhas. São líquens (simbiose de um organismo formado por um fungo e uma alga), que indicam que o ar naquele local é rico em oxigênio.

Terminou a trilha por terra e agora a trilha é feita em parte, caminhando dentro da água.

Antes uma parada para pegar água de uma fonte.

Estragar o sapato ou respeitar a natureza?

Esta história é verdadeira. Em outra oportunidade, apareceu um visitante japonês. Este se interessou em fazer uma pequena visita no local. Acontece que foi com a roupa que estava usando na cidade, com os sapatos que estava usando na sua viagem. O plano era ir até onde ele podia caminhar na trilha e depois retornar. Caminhamos até o fim da trilha e o japonês só tirava fotos do que ele chamava de “paraíso”.

O visitante, entusiasmado, quis seguir adiante. Disse-lhe, que eu iria caminhando pela água e ele poderia pisar sobre as pedras no meio da água.



Venha que seguro sua mão. Lá adiante recomeça mais um pedaço da trilha e retomamos a caminhada.

O japonês disse: não posso pisar nas pedras, pois estaria danificando uma cobertura de líquens, fungos, musgos, que a

natureza levou dezenas de anos para criar. Dito isto, entrou com seus sapatos de viagem dentro da água e feliz da vida, com os sapatos cheios de água, seguiu, com uma imensa cara de felicidade, caminhando e contemplando as pedras cobertas de musgos. Disse: “posso comprar outros sapatos Não posso danificar a vida que a natureza levou dezenas de anos para construir”.

Hora de retornar

Bem pessoal o que dizer depois de uma caminhada de três a quatro horas?

Antes de retornar, um descanso na cachoeira, aproveitando para saborear um lanche, com água do córrego. A garrafa PET que utilizei para pegar água no local, agora pode ser utilizada de duas maneiras. Enchendo-a com água e levando-a para casa ou deixá-la com o ar da mata e já em casa, antes de dormir, abri-la e aspirar o ar puro da natureza.

Na volta tentei achar algum pinhão. Só cascas. Os ouriços que nesta época de pinhão vivem na copa dos pinheiros, comem tudo e jogam as cascas com as marca de seus finos dentes. É a natureza e seus mecanismos de sobrevivência. Dizem os habitantes da região, que quando estão no alto dos pinheiros, com fome e sede, podem-se ouvir seus gritos.



Fim do diálogo com a natureza

E agora vamos para casa, dormir e sonhar com a natureza.

Bom sono.



O Autor:

Roque G. Annes Tomasini, nascido em 13/04/1944, em Carazinho-Rio Grande do Sul, aos cinco anos foi para Porto Alegre, onde realizou seus estudos, iniciando no Grupo Escolar Voluntários da Pátria, passando para o Ginásio Nossa Senhora dos Navegantes, , dentro da orientação das freiras. Posteriormente, passou para o Colégio São Pedro, dos Irmãos Maristas. A fase seguinte foi no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, o velho e amado Julinho, onde sob a tutela de excelentes professores, construiu as bases finais para ingressar na Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da UFRGS, curso concluído em 1968. A seguir, ingressou no curso de mestrado em Economia Rural do Instituto de Estudos e Pesquisas Econômicas-IEPE da Faculdade de Economia da UFRGS. A vida profissional teve início, em 1971, em Brasília, no Escritório de Análises Econômicas e Políticas Agrícolas, que atuava na assessoria do Ministro da Agricultura, até 05/1975.

Em 1975 iniciou suas atividades como pesquisador do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo-CNPQ da EMBRAPA, na área de economia, até sua aposentadoria em 2002.

Desempenhou atividades de ensino superior na Universidade de Brasília-UNB de 1973/75 e na Universidade de Passo Fundo-UPF de 1977 a 2014, quando foi jubulado aos 70 anos.

Há 20 anos desenvolve trabalhos na área de meio ambiente, tendo por base uma propriedade rural de Mata Atlântica no município de Vila Maria, Rio Grande do Sul, região de pequenas propriedades. Por vários anos a empresa de Turismo Rural Maria Nostra desempenhou atividades educativas nesta área. A maioria das atividades sugeridas no trabalho foi realizada nesta área.

Em 2014 deu início às atividades de escritor, fora da área técnica de pesquisa na área agrícola.

Contato com o Autor: belinaazul1971@gmail.com ou belina1971@hotmail.com



[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br

Vamos em frente, ou melhor, primeiro temos que pular sobre um tronco caído, talvez por um vento forte, talvez por velhice ou por ambas as causas.

A árvore caída está morta. Além da camada de musgos, líquens, pequenas plantas, está coberto de cogumelos, neste caso, enormes, de cor amarela. Alguns são marrons, os denominados “orelha de macaco”. Os “habitantes” do velho tronco são um livro aberto para quem sabe ler a mensagem da vida proporcionada por estes organismos. Um bom professor de botânica pode ficar horas dando uma aula para seus alunos, somente identificando e interpretando a vida dos “habitantes” do tronco.

Do capítulo
O livro aberto da natureza

